



JUVENTUDES NEGRAS DE BANGU: UM LUGAR DE PROTAGONISMOS, NARRATIVAS E MEMÓRIAS

Vanessa Ladeira da Costa Silva
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRJ (Brasil)
Endereço Eletrônico: vanessapedufrj@gmail.com

1632

INTRODUÇÃO

A juventude é uma categoria social com a qual, atualmente alguns estudos vêm debruçando-se em entender seus contextos, suas especificidades e suas demandas. Conforme aponta Quiroga (2005), a juventude é uma condição social, que promove e sofre interferências culturais produzidas por um dinamismo e uma mutabilidade que se configuram nas transformações sociais. Assim, compreendemos que não existe um modelo único juvenil que se encontra em qualquer lugar, a qualquer momento.

Ao apresentar a realidade das juventudes negras no Brasil, devemos refletir que a discriminação, a falta de acesso às oportunidades, seja no âmbito escolar ou no profissional e o não reconhecimento como cidadãos de direitos engendra a fomentação de uma subalternização social. Gomes e Laborne (2018) acrescentam que a cor da pele (quanto mais escura, mais propensa a estigmas) e ser morador de favela/periferia são atributos discriminatórios que insistem em qualificar a juventude. Essas qualificações corroboram para o desdobramento da violência física, psicológica e social que compõem o cotidiano dessa parcela juvenil.

Sobre essa perspectiva, a pesquisa em questão tem como tema jovens negros e moradores do bairro de Bangu, na cidade do Rio de Janeiro e suas percepções diante da violência juvenil, que percorre cotidianamente essa localidade. Com isso, visamos ir além da esfera dos dados numéricos sobre a mortalidade da juventude negra banguense e proporcionar uma nova escuta, das experiências e o cotidiano desse grupo etário. O jovem negro de Bangu passa ser o protagonista na construção identitária do bairro.

O estudo torna-se significativo, pois, a localidade em questão apresenta no passado uma historicidade enriquecedora relacionada à construção da identidade negra com o time de futebol Bangu Atlético Clube, sendo um dos pioneiros na inclusão de jogadores negros (LOPES, 2020) e a inserção do proletariado negro na Fábrica Bangu.



Atualmente, o bairro é caracterizado por uma estigmatização racial que transcorre em violência contra a negritude juvenil.

Cerqueira e Coelho (2017) ressaltam que a população de Bangu estimada em 234.302 mil habitantes apresentou 147 jovens negros vítimas de homicídios de acordo com o Censo Demográfico de 2010. No Brasil, jovens negros são assassinados mais que jovens brancos. Estudos mostram que aos 21 anos de idade ocorre uma maior probabilidade de um jovem ser morto, pretos e pardos possuem 147% a mais de chance de serem vitimizados (CERQUEIRA e COELHO, 2017).

Isso nos fez pensar, sobre como podemos encontrar caminhos que possibilitem a construção de novos discursos, onde o jovem negro banguense seja o portador da voz e o criador da sua própria história. Assim, ouvir a juventude do Ensino Médio de Bangu e promover uma reflexão sobre as violências contra corpos negros tendo como foco, suas vivências, memórias e narrativas é o caminho que encontramos para o desenvolvimento da pesquisa.

Para tal, temos por intencionalidade fomentar a discussão de que a Instituição só se torna espaço escolar, a partir do instante que contribui para questões que circundam a sua comunidade compreendendo que a mesma possui ferramentas transformadoras (PILETTI, 2004). Logo, percebemos os espaços educativos como aliados da pesquisa e os muros educacionais como potencializadores para a quebra de barreiras sociais contribuindo para o aprofundamento de um pensamento crítico e libertador.

METODOLOGIA

Nossa metodologia está calcada numa pesquisa participativa, pois acreditamos que esse caminho é o que mais se adequa ao propósito do tema em questão. Afinal, esse modelo tem por intenção tornar o objeto de pesquisa ativo, produtor, onde os problemas a serem estudados, bem como todo o percurso do estudo, não limitam-se ao pesquisador (GIL, 2019) e de acordo com Brandão e Borges (2007), esse método deve contemplar a realidade concreta do cotidiano dos participantes em suas diferentes dimensões e interações.

O projeto tem como instrumento, narrativas e observação-participante no âmbito do cotidiano escolar onde, o nosso intuito é priorizar questões que contribuam para a compreensão da presença (ou não) das violências na vida dos/das jovens entrevistados.

Utilizaremos, metodologicamente, a conversa para problematizar e compreender junto com essa juventude a causalidade (caso haja) por trás das violências contra a

1633

Realização:



Apoio:





negritude juvenil. Assim, pretendemos com esse mecanismo compreender a condição de ser jovem negro em Bangu atualmente.

No que corresponde às narrativas, as escutas serão mobilizadas tendo como foco o contexto, as suas memórias de infância, a dialética social que esses jovens reproduzem e a pedagogia como estratégia para falas e vivências reais.

Com relação às memórias infantis, nossa proposta articula-se com as perspectivas africanas, que entendem que somente pelo reavivamento da memória pode-se rearticular o já vivido com a diversidade nas narrativas (NASCIMENTO, 2018), ou seja, o passado da juventude negra de Bangu ao aliar-se com o presente poderá proporcionar maiores reflexões sobre a promoção das violências contra corpos negros juvenis e quiçá erradicá-las.

O resgate a esse passado terá como suporte fotos da infância dessa juventude e/ou imagens de crianças negras (caso o jovem não tenha algum registro ou não queira expor) como estratégia de análise sobre o que será dito.

Utilizaremos material audiovisual em específico, a obra cinematográfica *M8 - Quando a morte socorre a vida*¹, dirigida por Jeferson De, em 2019 como ferramenta para a promoção de debates, pois, acreditamos na potencialidade desse recurso para o desenvolvimento de inquietudes decorrentes do assassinato sistemático de jovens negros. A ficção apresenta a sensibilidade do olhar do jovem protagonista em meio à naturalização da violência perpetrada contra corpos negros.

Vale ressaltar, que a pesquisa almeja ter como recorte jovens negros estudantes do Ensino Médio de uma Escola Estadual no bairro de Bangu e/ou grupos juvenis que articulam algum tipo de representatividade (seja na dança, no trabalho social, etc.).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estudo em questão encontra-se em sua fase inicial onde, primeiramente análises mais concisas diante da historicidade do bairro de Bangu, levantamentos de referenciais teóricos sobre juventudes negras como espaço de poder e discussões sobre a importância das narrativas juvenis como estratégias de desnaturalização do racismo são

¹ O filme relata, a história de um jovem periférico negro que ingressou na faculdade de medicina pelo sistema de cotas. Na aula de anatomia depara-se com um corpo negro identificado M8. Dessa forma, inicia uma jornada para tentar descobrir a identidade e a história do seu objeto de estudo.



os focos para o desenvolvimento de um trabalho consciente, presente, militante e resiliente.

CONCLUSÕES

Acreditamos que estudar a juventude negra e as violências que acometem esse grupo em nossa sociedade contemporânea é um tema inesgotável. Os sinais raciais como o preconceito, a discriminação estão expostos e fundamentam-se por trás das falas, das ações e dos pensamentos da sociedade brasileira.

Diante desse contexto, o pesquisador encontra desafios para enfrentar as amarras de uma estrutura social cega e violenta, que perpetua um racismo descrito por muitos como sutil, invisível através da naturalização das iniquidades produzidas (WERNECK, 2016). Essas reflexões somam-se a uma indagação pertinente para a pesquisa: Há uma intencionalidade por trás das violências dirigidas à juventude negra?

Assim, temos por intencionalidade aprofundar o pensamento crítico (tanto do objeto de estudo no caso a juventude de Bangu quanto da pesquisadora) diante de uma sociedade que molda padrões eurocêntricos e que distribui intolerâncias, desigualdades e discriminações.

Compreendemos que toda fala é válida e que as recordações das memórias infantis são pontes para uma subjetividade que produz conexão com a criticidade.

Essa é a visão que queremos construir junto com os jovens negros banguenses entendendo, que existe força no coletivo, libertação nas trocas de experiências e produção reflexiva na escuta. Somos um, somos juventudes negras, somos histórias, somos UBUNTU.

PALAVRAS - CHAVE: Juventude. Negritude. Narrativas. Memórias. Protagonismo.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R., & BORGES, M. C. (2007, jan./dez.). **A pesquisa participante:** um momento da educação popular. Rev. Ed. Popular, 6(1), 51-62.

CERQUEIRA, Daniel, COELHO, Danilo Santa Cruz. **Democracia racial e homicídios de jovens negros na cidade partida.** Texto para discussão/Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 2017.



GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa** / Antônio Carlos Gil. - 6. ed - [3. Reimpr.]. - São Paulo: Atlas, 2019.

GOMES, Nilma Lino, LABORNE, Ana Amélia de Paula. **Pedagogia da Crueldade: racismo e extermínio da juventude negra**. Educação em Revista, 34, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/yyLS3jZvjzrvqQXQc6Lp9k/?lang=pt>. Acesso em: 19 de outubro de 2021.

LOPES, Lucas Salgueiro. **Francisco Carregal: A trajetória de um pioneiro negro em um clube de football no Rio de Janeiro**. Recorde, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 1-16, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/39592>. Acesso em: 20 de setembro de 2021.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Temporalidade, memória e ancestralidade: enredamentos africanos entre infância e formação. In: RODRIGUES, Allan de Carvalho, BERLE Simone, KOHAN Walter Omar (Org). **Filosofia e educação em errância: inventar escolas, infâncias do pensar**. 1ª ed. Rio de Janeiro: NEFI, 2018 - (Coleção Eventos).

PILETTI, Nelson. **Sociologia da educação**. São Paulo: Ática, 2004.

QUIROGA, A. M. R. **Jovens & juventudes**. Alvim, T. Queiroz & E. F. Júnior. (Orgs.). João Pessoa: Editora Universitária (PPGS/ UFPB), 2005, pp.15-20.

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde Soc.**, São Paulo, v.25, n.3, p.535-549, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/bJdS7R46GV7PB3wV54qW7vm/?format=pdf&lang=pt>

FILMOGRAFIA

M8 - Quando a morte socorre a vida. Midgal Filmes. **Youtube**. Abril de 2021. 1h 24 min 16s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TW_ZfyTGNRs. Acesso em 05 jan. 2022.

1636

Realização:



Apoio:

